

Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)

História: Diálogos Contemporâneos 2



Atena
Editora
Ano 2019

Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)

História: Diálogos Contemporâneos

2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
H673	História: diálogos contemporâneos 2 [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (História. Diálogos Contemporâneos; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-560-0 DOI 10.22533/at.ed.600192308 1. História – Pesquisa – Brasil. I. Pereira, Denise. II. Carneiro, Maristela. III. Série. CDD 900.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Dentre os conflitos mais instigantes, produtivos e controversos que se dão no espaço acadêmico, reside aquele que opõe as muralhas das especificidades dos campos disciplinares à permeabilidade dos saberes na contemporaneidade. Extremismos à parte, é certo que, justamente por suas miradas particulares, os campos de conhecimento podem crescer quando travam contato. A descoberta de termos e objetos comuns e o desconforto dos desacordos e quebras de comunicação criam uma atmosfera de efervescência, questionamento e convite ao aprendizado. O conhecimento frequentemente prospera nas interseções.

As tensões do mundo líquido no qual navegamos intensificam estes debates e tornam premente a necessidade de promover e compreender os trânsitos entre os campos e os conhecimentos que emergem nessas encruzilhadas. Criar ligações entre as ilhas é, pois, uma necessidade, haja vista que, no coração destes debates jaz o descompasso entre a disponibilidade de informações e a variedade de recursos tecnológicos, de um lado, e o basbaque e a incapacidade de articular efetivamente tamanho arsenal em favor da difusão do conhecimento e da ampliação do alcance das humanidades em nosso meio social, de outro.

Como aponta Giorgio Agamben, o presente reside nessa zona fugaz e inexistente, o não vivido dentro do vivido, sendo, portanto, um desejo de futuro que encontra sempre seu referencial em algum passado. À História, que faz o possível para medir o pulso desse grande corpo em fluxo, cabe a árdua tarefa de estudá-lo até onde permite o alcance de suas lentes, a fim de que tenha o necessário para pintar o quadro complexo e pitoresco que a realidade merece. Esse quadro é pincelado de diálogos que mesclam novas e velhas fontes, linguagens clássicas às pós-modernas, discursos estabelecidos aos controversos. E tendo esse *melting pot* como horizonte orientador, antes de desvanecer, acaba revigorada nesses entrecortado de lugares e falas, nem sempre convencionais.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira
Maristela Carneiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
BNCC, TRANSVERSALIDADE, MEIO AMBIENTE E ENSINO DE HISTÓRIA: ELEMENTOS PARA UM DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E PEDAGOGIA	
<i>Mônica Andrade Modesto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923081	
CAPÍTULO 2	13
ENSINO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS: COMO REPENSAR UMA HISTÓRIA DO CONFLITO ARMADO COLOMBIANO NUM CENÁRIO DE “PAZ”?	
<i>Ana Cecília Escobar Ramirez</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923082	
CAPÍTULO 3	26
HISTÓRIA.COM: ENSINO DE HISTÓRIA, FONTES DOCUMENTAIS E HISTORIOGRAFIA	
<i>Maria Aparecida da Silva Cabral</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923083	
CAPÍTULO 4	36
EXPONERE: ENTRE DESIGN, MEMÓRIA E HISTÓRIA	
<i>Fernanda Deminicis de Albuquerque</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923084	
CAPÍTULO 5	40
HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA COMO EXERCÍCIO DE METATEORIA	
<i>Rogério Chaves da Silva</i> <i>Paulo Alberto da Silva Sales</i> <i>Sidney de Souza Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923085	
CAPÍTULO 6	56
HISTÓRIA E MEMÓRIA EM CELESTINO ALVES: UMA ANÁLISE DO LIVRO “RETOQUES DA HISTÓRIA DE CURRAIS NOVOS”	
<i>Fabiana Alves Dantas</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923086	
CAPÍTULO 7	68
HARRY POTTER E POLÍTICA: PARALELISMO ENTRE O ENREDO POLÍTICO DE HARRY POTTER E AS CIÊNCIAS POLÍTICA REAIS	
<i>José Carlos Corrêa Cardoso-Junior</i> <i>José Antonio de Andrade</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923087	
CAPÍTULO 8	76
VIOLÊNCIA E MEMÓRIA COMO MATRIZES PARA IDENTIDADES NO SÉCULO XX	
<i>Lucas de Mattos Moura Fernandes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923088	

CAPÍTULO 9	90
HISTÓRIA INTELLECTUAL DOS 'CARDEAIS' DA ESCOLA NOVA NO BRASIL	
<i>César Evangelista Fernandes Bressanin</i>	
<i>Milian Daniane Mendes Ivo Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923089	
CAPÍTULO 10	104
IMAGEM X LITERATURA: A REPRESENTAÇÃO DA IMAGEM EM OS MAIAS DE EÇA DE QUEIRÓS	
<i>Nívea Faria de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230810	
CAPÍTULO 11	114
MICRO-HISTÓRIA E NARRATIVA ORAL NO NORTE PARANAENSE	
<i>Marcia Regina de Oliveira Lupion</i>	
<i>Lucio Tadeu Mota</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230811	
CAPÍTULO 12	124
MOVIMENTO NEGRO NO RIO GRANDE DO SUL: APONTAMENTOS PARA UMA HISTÓRIA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ESTADO	
<i>José Antônio Dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230812	
CAPÍTULO 13	136
MULHER E FEMINISMO: PERCEPÇÕES ATRAVÉS DO ROMANCE "A DEUSA DO RÁDIO" DE HELONEIDA STUDART	
<i>Ioneide Maria Piffano Brion de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230813	
CAPÍTULO 14	145
O PAI DOS POBRES: UM OLHAR SOBRE A ASCENÇÃO DO POPULISMO DE GETÚLIO VARGAS NO ESTADO NOVO	
<i>Adilson Tadeu Basquerote Silva</i>	
<i>Eduardo Pimentel Menezes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230814	
CAPÍTULO 15	155
O TRATADO SECRETO ENTRE PERU E BOLÍVIA DE 1873 E AS RELAÇÕES COM A ARGENTINA, BRASIL E CHILE	
<i>Adelar Heinsfeld</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230815	
CAPÍTULO 16	165
O ÚLTIMO ADEUS: A SUBLIMAÇÃO DA DOR E O AMOR METAFÍSICO	
<i>Maristela Carneiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230816	

CAPÍTULO 17	180
POLÍTICAS PENAIS NO PARANÁ – DO AVANÇO DO APRISIONAMENTO AO GERENCIAMENTO DA MASSA DE APENADOS	
<i>Rivail Carvalho Rolim</i>	
<i>Letícia Gonçalves Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230817	
CAPÍTULO 18	195
PUERICULTURA E POLÍTICAS PÚBLICAS DE ASSISTÊNCIA À MATERNIDADE E À INFÂNCIA (1930-1945)	
<i>Helber Renato Feydit de Medeiros</i>	
<i>Maurício Barreto Alvarez Parada</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230818	
CAPÍTULO 19	204
QUEERMUSEU: INCLUSÃO E DIVERSIDADE SOB O OLHAR CONTEMPORÂNEO	
<i>Manoel Messias Rodrigues Lopes</i>	
<i>Suely Lima de Assis Pinto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230819	
CAPÍTULO 20	216
RAÍZES HISTÓRICAS DA CONCENTRAÇÃO DE RIQUEZA EM SALVADOR, (1777-1808)	
<i>Augusto Fagundes da Silva dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230820	
CAPÍTULO 21	228
RECOMPOSIÇÃO BURGUESA, AMPLIAÇÃO DO ESTADO E AS NOVAS SOCIABILIDADES DO CAPITAL: O INSTITUTO BRASILEIRO DE PETRÓLEO, GÁS E BIOCOMBUSTÍVEIS – IBP	
<i>Marcio Douglas Floriano</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230821	
CAPÍTULO 22	236
RELAÇÕES DE TRABALHO E CAUDILHISMO: AS BASES SOCIOECONÔMICAS DA GUERRA GAUCHA (ESPAÇO PLATINO, SÉCULO XIX)	
<i>Cesar Augusto Barcellos Guazzelli</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230822	
CAPÍTULO 23	247
RENATO SOEIRO NO SPHAN: SUA TRAJETÓRIA ATÉ A DIREÇÃO DA INSTITUIÇÃO	
<i>Carolina Martins Saporetti</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230823	
CAPÍTULO 24	258
REPRESENTAÇÕES DE GETÚLIO VARGAS NAS PÁGINAS DA REVISTA DO GLOBO ENTRE OS ANOS DE 1929 E 1937	
<i>Eduardo Barreto de Araújo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230824	

CAPÍTULO 25	271
VERDADE E FORMAÇÃO CRÍTICA: UMA ANÁLISE DOS SIMBOLOS DA ALEGORIA DA CAVERNA	
<i>Edson de Sousa Brito</i>	
<i>Camila de Souza Cardoso</i>	
DO 10.22533/at.ed.60019230825I	
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	279
ÍNDICE REMISSIVO	280

VERDADE E FORMAÇÃO CRÍTICA: UMA ANÁLISE DOS SIMBOLOS DA ALEGORIA DA CAVERNA

Edson de Sousa Brito

Universidade Federal de Jataí, Faculdade de Educação, Jataí-GO.

Camila de Souza Cardoso

Universidade Federal de Jataí, Faculdade de Ciências Biológicas, Jataí-GO.

RESUMO: O artigo tem por tema principal a análise do Mito da caverna e o mundo das ideias como parâmetro para construção da verdade em Platão. O objetivo central desse trabalho é analisar as figuras que compõem o Mito da caverna visando destacar a importância dos mesmos no contexto da obra. Essa pesquisa tem como justificativa o conhecimento do processo de construção do conhecimento e da formação crítica do homem e da mulher. A metodologia utilizada foi a de pesquisa bibliográfica.

PALAVRA-CHAVE: Alegoria da Caverna; Platão; Verdade; Filosofia antiga.

ABSTRACT: The main theme of this article is the analysis of the Cave Myth and the world of ideas as a parameter for the construction of truth in Plato. The main objective of this work is to analyze the figures that make up the Cave Myth in order to highlight their importance in the context of the work. This research has as justification the knowledge of the process of knowledge construction and critical formation of

man and woman. The methodology used was that of bibliographic research.

KEYWORD: Allegory of the Cave; Plato; Truth; Ancient philosophy.

Aqui interessa tratar do Mito ou Alegoria da Caverna, texto no qual Platão expõe suas ideias quanto à teoria do conhecimento ou sobre as formas e possibilidades de se conhecer o mundo, seja ele o mundo das sombras (sensível), seja ele o mundo das ideias (intelectível). De forma breve será tratado a simbologia das imagens da caverna e seus principais conceitos.

Pretende-se entender melhor a relação entre algumas imagens da caverna e os principais conceitos da teoria de conhecimento de Platão. Mas antes deve-se perguntar o que vem a ser Mito na época de Platão. O mito na Grécia surge da necessidade de se explicar e entender o mundo. Entre os objetos de conhecimento de que se trata os mais diversos mitos estão os deuses, o homem, o mundo natural, o mundo sobrenatural, o destino e diversos outros temas. Para Marilena Chauí o mito possui três funções sendo a primeira delas a de explicar determinado fato que aconteceu no passado e permanece ainda hoje, como, por exemplo, uma constelação em forma de

algum animal; a segunda função é a de organizar e legitimar as relações sociais; e por fim “o mito conta algo que aconteceu e não é mais possível de acontecer, mas que serve tanto para compensar os seres humanos por alguma perda como para garantir-lhe que esse erro foi corrigido no presente” (CHAUI, 2003, p. 162). O mito da caverna não se encaixa na mitologia grega por ser de outra natureza (não religiosa), mas se encaixa nas características acima ao apresentar um problema a ser pensado, estudado e tratado.

No caso do Mito da caverna, também chamado de “Alegoria da caverna”, Platão narra o drama de prisioneiros que desde o nascimento estão acorrentados em uma caverna de forma que eles poderiam ver somente uma parede em sua frente a qual era iluminada por uma fogueira. Na medida em que passavam animais e pessoas carregando objetos em frente à fogueira, suas sombras eram projetadas na parede e estas sombras eram vistas pelos prisioneiros. Com o passar do tempo as pessoas que estão no fundo da caverna começam a nomear as sombras como se fossem seres vivos, independentes e reais. Nesse interim alguém consegue fugir da caverna e observa os verdadeiros ‘donos das sombras’, ou seja, ele admira as coisas e seres tais como eles são. O prisioneiro que conseguiu sair da caverna decide voltar para contar sobre sua experiência, seu descobrimento e seu novo conhecimento aos prisioneiros os quais não acreditam e o consideram louco. (PLATÃO, 1996)

As duas primeiras imagens/figurações que se tem é que há um estar fora da caverna e um estar dentro da caverna. Nestas figuras aparecem duas outras de grande importância que é o sol e a sombra. Dentro da caverna aparecem várias figurações como a corrente, a imobilidade, os indivíduos, os velhos, o fogo, a saída da caverna e a entrada na caverna, entre outros. O que significa o estar dentro da caverna? Estar dentro da caverna é estar no mundo sensível, onde se pode ver ou conhecer pelo que vê, ouve, sente. É enfrentar um mundo que precisa ser conhecido e definido, porém que é feito a partir da faculdade das sensações.

Platão propõe, a partir da Alegoria da Caverna, a explicação da forma pela qual o homem pode conhecer. Em sua teoria há duas possibilidades de conhecimento sendo elas: o conhecimento sensitivo e o conhecimento intelectual. O conhecimento sensitivo é aquele em que a construção da verdade só é possível mediante a interação com o real e o conhecimento intelectual só é possível mediante a interação da razão com a ideia. Portanto, há duas formas de conhecer para Platão. Existe a forma de conhecer o que está dentro da caverna que só pode se dá pelos sentidos. E existe uma forma de conhecer o que está fora da caverna, que só pode ser conhecido pela razão. Assim, duas formas de conhecimentos, sentidos e razão. (REALE; ANTISERI, 1990)

Se o que está dentro da caverna, pode-se conhecer pelos sentidos, então, aqui a figura caverna, será chamada de mundo físico. O que está fora da caverna será chamado de mundo não físico. O mundo fora da caverna, aquele mundo não físico, é chamado na filosofia de mundo das ideias. Essa ideia de separar os “campos”

de conhecimentos em físico e mundo não físico é uma novidade na teoria de conhecimento de Platão em relação aos pensadores anteriores. Os Pré-Socráticos já haviam começado a elaborar alguns apontamentos sobre o conhecimento que aqui se chamará de metafísico. Pode-se destacar a posição de Anaximandro quando propõe a teoria do ápeiron. Ápeiron é o elemento que não pode ser experienciado, que não pode ser conhecido em sua totalidade, pois é um elemento desconhecido para os sentidos uma vez que o Ápeiron não está na ordem do conhecimento sensitivo, mas sim no campo do conhecimento racional. (ABBAGNANO, 2000)

Heráclito, por exemplo, quando questiona sobre o primeiro elemento (e em seu processo de construção desse conhecimento ele afirma que é a água) pode-se perceber que há uma influência das sensações, para falar de um primeiro elemento que não se sabe qual é, mas quando o filósofo supõe que ele é isso ou aquilo há uma grande influência da forma de conhecimento que é tido por sensitiva, pois ele fala daquilo que vê e se sente e que imagina estar em todos os seres deste mundo sensitivo. (MONDIN, 2010)

Cabe ressaltar que quando os pré-socráticos falam dos elementos, como a água, a terra, o fogo e o ar, eles não estão falando do elemento que está fisicamente disponível para ser observado. Ressalta-se, porém, que o primeiro elemento que esses autores estão mencionando é uma espécie de elemento universal.

Em relação à filosofia anterior, Platão expõe que há um mundo que não conhecemos e que é necessário conhecer (mundo inteligível ou que foi chamado mais tarde de metafísico) como também há um outro mundo que conhecemos e que está na nossa frente (mundo físico ou mundo das sombras). A diferença entre esses dois mundos é que o mundo que está aqui a disposição da observação do homem, o mundo físico, é um mundo que pode ser conhecido em sua totalidade pois ao conhecer o homem o faz mediante a utilização de seus sentidos (olfato, tato, visão, paladar e audição) porém estes são falhos, e por isso não dão garantia total da validade e verdade do conhecimento aí constituído. (MONDIN, 2010)

Platão defende que o conhecimento do mundo metafísico pode se dá, de fato, mediante a natureza perfeita da ideia. O mundo das ideias é um mundo que está fora da caverna e desta forma ele não pode ser acessado pelos sentidos, mas somente pela razão. Esse mundo das ideias, é um mundo onde estão todos os conceitos prontos e acabados. O mundo metafísico é representado na Alegoria de Platão com o exterior da caverna. A figura que impera fora da caverna é o sol.

O que representa, ou se se pode perguntar, qual a função do sol nesta figuração? O papel do Sol é iluminar e no iluminar se projeta a sombra. O sol ilumina, traz a luz os objetos que a razão observa e busca conhecer. O mais importante na teoria do conhecimento de Platão é o objeto a ser conhecido e não a sua sombra, em outras palavras, os objetos próprios do conhecimento filosófico são os objetos inteligíveis e não os sensíveis. Os objetos sensíveis são uma mera cópia (ou sombra) dos objetos inteligíveis. Por serem cópias eles são imperfeitos e não confiáveis, são mera

aproximação do objeto ideal.

O mesmo raciocínio é feito sobre o corpo (sujeito) que conhece. O corpo é uma sombra ou cópia do corpo ideal. O corpo para o filósofo grego só pode conhecer pelas suas faculdades próprias, o saber, as sensações. Por ser esse corpo imperfeito as sensações, por tabela, são imperfeitas também, e desta forma o produto do processo de conhecer o mundo (o conhecimento) é imperfeito e possivelmente inválido. Assim não se tem segurança quanto a natureza deste conhecimento que provém das sensações, de acordo com Platão. (SALIN, 1996)

Assim volta-se ao sol. Qual é o papel do sol? Imagine que seja possível ausentar o mundo exterior do sol. Ocorrendo isso vai imperar a escuridão, a treva. Neste contexto o homem não teria nem mesmo a sombra pois o objeto não seria iluminado. Isso significa a ignorância total do que pode ser conhecido. O sol, ao iluminar o mundo metafísico desenvolve, pelo menos, dois papéis: o de apresentar os objetos de forma a ser possível pensá-los; e garante a sua verdade, uma vez que o conhecimento não é construído, mas de acordo com esse filósofo é acordado. O sol significa neste contexto a verdade. (GILES, 1979)

A verdade, neste contexto, é uma luz que ilumina algum objeto e faz com que ele se exponha de forma a ser percebido no processo de busca pelo determinado conhecimento. A título de comparação, na Idade Moderna, essa luz (o sol, na Idade Clássica) que ilumina alguma coisa, será representado pela razão do sujeito que iluminará e garantirá a verdade dos objetos que conhece. Assim a razão é aquilo que vai iluminar as trevas da ignorância. Essa teoria foi chamada de iluminismo, escola esta que elege a razão como seu instrumento principal no processo de conhecimento.

O sol para Platão é uma figuração do Ser. O Ser é o parâmetro, é aquele que ilumina as coisas ou os objetos. Quando, por exemplo, se quer conhecer as características daquilo que é o homem ou a mulher se lança mão das principais características, de modo geral, daquilo que se chama de ideia geral de homem. A ideia de homem não foi criada por si mesma e nem pelo homem, segundo Platão, mas ela tem sua origem no Ser. O ato de o sol iluminar o objeto de forma que ele possa ser notado e buscado demonstra aqui a intenção de Platão ao defender que é o ser que garante a verdade e a primazia da ideia do objeto.

Neste contexto se pergunta ‘o que é a sombra na alegoria da caverna?’. A princípio, o mito descreve uma situação na qual as sombras são projetadas em uma parede da caverna e as pessoas as contemplam tendo em vista que elas seriam objeto de conhecimento e assim constituíram um saber em torno dessas sombras. No plano das argumentações de Platão, o mundo (ou a realidade) é dividida em real e ideal ou mundo sensível e mundo intelectual. O mundo real é o mundo no qual está a sombra. O mundo das sombras é o mundo em que homem vive, no qual conhece através dos seus sentidos. (REALE; ANTISERI, 1990)

Resumindo, para o filósofo o mundo sensível é uma mera cópia do mundo das ideias e por ser uma cópia as coisas se apresentam de forma imperfeita. Ao

desclassificar a sombra (ou o objeto real) como algo que não se pode conhecer, o filósofo defende também que os sentidos não são capazes de obter um conhecimento válido sobre os objetos com os quais ele vive. Conhecer é possível somente no mundo das ideias, mundo esse que pode ser acessível somente pela razão.

Da análise dos conhecimentos que se obtém daquilo que Platão chama de mundo sensível e mundo intelectual pode-se dizer de um modo de conhecer que parte da dedução e outro que parte da indução. Se percebe na escola socrática uma escolha por parte do método dedutivo em detrimento do método indutivo. Esse postulado também aparece na lógica de Aristóteles, de forma que se entende que a argumentação dedutiva a conclusão é suportada pelas premissas de forma definitiva enquanto que nos argumentos indutivos a conclusão é afirmada em grau de probabilidade, não sendo garantida como verdade definitiva. (COPI, 1978)

O conhecimento indutivo, para os gregos socráticos, é visto como um método imperfeito devido a sua limitação quanto ao objeto estudado. O ato de conhecer o homem, por exemplo. Quando alguém se pergunta quem ou o que é o homem ou a mulher e pretende responder a partir do método indutivo ele vai olhar o homem e a mulher concretos de seu mundo. Ele utilizará dos seus sentidos para obter dados de forma que possa construir o saber pretendido. Observar o homem ou a mulher em particular é verificar as suas características como cor, tamanho do cabelo e demais características corporais, saber de sua personalidade, a forma como ele conhece, se ele é bom, ou é mau, se ele é ético ou não etc. Ao conhecer um homem ou um grupo de homens o meu saber não será uma ideia, mas sim um conceito. A ideia está no plano do conhecimento universal e o conceito está no plano do conhecimento mais específico. O conhecimento dedutivo é algo que não depende do sujeito, de forma que ele é garantido e validado pelo Ser. O conhecimento indutivo é algo que foi construído pelo sujeito e que depende dele para que seja válido e garantido. O conhecimento indutivo não tem validade para Platão devido a sua natureza, pois esse conhecimento é fruto da sensação, faculdade imperfeita do ser humano que leva ao engano e ao erro quanto a verdade das coisas. (COPI, 1978)

Ao analisar a história do mito da caverna, a observação e a fala dos homens sobre as sombras que se vê na parede da caverna, segundo Platão, o conhecimento constituído ali está no âmbito da opinião. Para os seres que estão na caverna observando as sombras há um movimento de 'conceituação' daquilo que se vê. Essa forma de saber perpassa pelos sentidos e parece não haver muito critério, pelo menos neste contexto, sobre as 'verdades' que ali se observa e pelos conhecimentos/conceitos que se constrói. É claro a presença da *doxa*, o conhecimento que vem do homem e que Platão vai chamar de opinião. A *doxa* é um tipo de conhecimento que expressa não a verdade, mas sim certo ponto de vista embasado na visão e no contexto de quem observa ou do assunto que trata. Assim como pode-se no fundo da caverna dizer o que é o homem, a verdade, a vida? (ABBAGNANO, 2000)

O problema da verdade e da opinião é uma das vertentes de análise da Alegoria

da Caverna. As posições colocadas no mito sobre a questão do conhecimento são bastante claras. Tem-se, pelo menos, duas posições quanto ao conhecimento. De um lado há os que estão na caverna e de outro há aquele que conseguiu sair da caverna e retornar a ela. Os primeiros estão ‘habitados’ com uma experiência na qual acreditam que suas análises das sombras são a única possibilidade de conhecimento do mundo. O segundo tem uma experiência nova na qual percebe que as sombras é uma verdade superficial, enganosa de mundo da qual se constrói no fundo da caverna e que o verdadeiro objeto de conhecimento está fora da caverna.

Ao contrário dos sofistas que acreditam que a verdade é relativa ou não pronta e acabada, Platão apresenta que a verdade está pronta e acabada em forma de ideia perfeita e intelectível. Essas verdades estão, no que ele chama na Alegoria, no Mundo das ideias e podem ser acessíveis através da busca racional. Os sofistas já têm outro postulado ao defender que a verdade é algo de natureza dinâmica e não estática. Enquanto a garantia da verdade para Platão é o próprio Ser, para os sofistas a verdade tem sua base e fundamento no próprio homem. (ABBAGNANO, 2000)

Neste contexto pode-se perguntar qual é a função daquilo que se pretende com a ‘verdade’? No nosso entender ela é parâmetro. O parâmetro tem por função servir de base para a comparação entre duas ou mais coisas. Por algo ser parâmetro ele é tomado como perfeito e se compara o outro na intenção de medir a sua (im)perfeição ou sua aproximação com o seu ideal de ser. Um exemplo do que se afirma aqui, é quando se pergunta se uma criança é mau educada ou não. A pergunta que deve ser feita antes disso é “o que é disciplina?” para se saber qual é o parâmetro que estará sendo utilizado. A partir daí se pode entender à qual disciplina se está referindo, ou seja, se ela é militar ou liberal, por exemplo. Quando então pode-se dizer que uma determinada verdade deve ser usada como parâmetro? Daí volta-se ao problema de se saber o que é verdade.

Um elemento que aparece na Alegoria é a figura das correntes. Se se perguntar em relação ao que a alegoria quer ensinar, a figura da corrente é bastante significativa. Ela dá a perceber que aquele que conhece (doxa) está “acorrentado” a algo que pode ser-lhe em um primeiro momento os fundamentos da forma de conhecer ou os próprios conhecimentos que lhes são transmitidos como verdades inquestionáveis. A corrente, também pode ser entendida como uma espécie de sistema que pode ser caracterizado ou chamado de, por exemplo, educacional, conceitual, construtivismo, colaborativos, etc.

A maior parte do que se sabe sobre o mundo, foi ensinado ou transmitido. A forma ou o método utilizado para se analisar o mundo também nos foi dada a partir de uma metodologia aceitável. A forma como aqueles idosos do fundo da caverna olhava para a parede e falavam sobre o mundo é uma forma, que eles aprenderam, desenvolveram e ensinavam, se constituindo assim na corrente que nada mais é do que uma espécie de limitação da intelectualidade frente à possibilidade de conhecer. Neste contexto a corrente é algo negativo e que Platão vem a combater. Por fim, as

correntes podem se caracterizar como preconceitos, prejuízos.

O sair da caverna para Platão, só se é possível através da morte. Assim, como pode Platão falar sobre voltar para a caverna? Os Gregos tinham uma concepção de que o ser humano poderia se reencarnar. O problema é que, quando se saía da caverna e via as coisas tais como elas são, no mundo metafísico, se observava perfeitamente todas as coisas e no processo de reencarnação, passava-se então por um rio, que Platão chamou de “o rio do esquecimento”, e assim se esquecia de tudo que tinha visto no mundo das ideias. Por isso é que nesse mundo, todo sujeito, todo homem, toda mulher precisa fazer um esforço para alcançar de novo esses conhecimentos que tinham obtido no mundo das ideias. Isso justifica a teoria desse filósofo de que para conhecer o real deve-se buscar lembrar o que havia sido visto anteriormente ou antes do nascimento. (CHAUÍ, 2013)

Então, sair da caverna, é morrer, sair da caverna em outro sentido é sair do mundo da ignorância, é procurar um mundo onde seja iluminado por essa verdade maior, onde se procure de fato pela razão daquilo que é verdade, saindo dos prejuízos, dos preconceitos, das correntes da opinião, saindo assim da caverna. E o que é voltar para a caverna? Voltar para a caverna nessa primeira concepção, nada mais é do que sofrer ou passar pelo processo da reencarnação. Em outra leitura, por exemplo, quando se analisa a vontade daquele homem que saiu da caverna e resolve voltar pode ser considerado uma postura ética. Voltar para a caverna é assumir um compromisso com o outro. Aquela pessoa que está no fundo da caverna e nada vê, está sofrendo por causa da sua limitação; o sujeito que volta para a caverna tem um compromisso com o outro, isso é ético. Voltar para a caverna é ter em vista um compromisso com a verdade. (MONDIN, 2010)

Neste contexto pode-se fazer alusão ao papel do filósofo e perguntar porque que ele, em certas ocasiões, não é bem visto ou tão bem-querido. Pode-se responder que seu papel é voltar para a ‘caverna’ e levar os sujeitos a questionar, a descobrir a verdade e a revelar o mundo das sombras. Nesta tarefa há a possibilidade de mudar o ‘mundo’ pelo esclarecimento. O sujeito que voltou para o fundo da caverna tinha essa tarefa. Todas as afirmações e argumentações contrárias à sua verdade que construía na análise do ‘mundo das ideias’ não poderia ser facilmente desconstruída. Assim ele se torna uma ameaça aos detentores dos atuais conhecimentos considerados inválidos e falsos.

Assim, esse alguém que defende ideias que desestruturam um determinado campo de conhecimentos e conceitos construídos com finalidades obtusas acaba se tornando perigosa ou um incômodo. Por não aceitar a verdade imposta, na caverna, essa pessoa que voltou para falar da verdade acabou sendo morta. (PLATÃO, 1996)

Pode-se concluir essa análise da Alegoria da Caverna afirmando a atualidade do texto de Platão que trata da questão da busca da verdade. Seu significado para a atualidade ainda é relevante tendo em vista que no processo de conhecimento do mundo ainda se necessita do apoio de conceitos básicos que se encontram no que

ele chamou de ‘mundo das ideias’ ou o campo da metafísica, como se chama na atualidade.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. 4.ed. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRISSON, Luc; PRADEAU, Jean-François. Vocabulário de Platão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**, São Paulo, 13a. ed., Ática, 2003.

CHAUÍ, Marilena S. Convite à filosofia. 12. ed. São Paulo: Ática, 1999.

COPI, Irving Marmer. Introdução à **lógica**: 4. 2.ed. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

GILES, T. R. Introdução à filosofia. São Paulo: EPU, 1979.

JAPIASSU, Hilton F. EPISTEMOLOGIA O mito da neutralidade científica Rio, Imago, 1975

MONDIN, Battista. Introdução à Filosofia: Autores e sistemas. São Paulo: Paulus, 2010.

PLATÃO. A república, livro VII. Brasília: UnB, 1996.

REALE, Giovanni e Antiseri, Dario. História da Filosofia. São Paulo: Paulus, 1990.

REID, Pat. A história de Colding. Rio de Janeiro: Record, 1952.

SALIM, Maria Augusta. Sentir, pensar e agir: corporeidade e educação. Campinas. Papyrus, 1996.

TRABATTONI, Franco. Platão. São Paulo: Annablume, 2010.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Denise Pereira - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Maristela Carneiro - Pós-Doutoranda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – Unicentro. Doutorado e Pós-Doutorado em História pela UFG e pela UFMT, respectivamente. Docente do curso de História na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alegoria da caverna 272

C

Colonização 122, 226

E

Ensino de história 26

F

Feminismo 136

Filosofia 12, 94, 95, 98, 123, 235, 271, 278

H

História intelectual 91, 102

Historiografia 40, 41, 43, 44, 45, 53, 54, 55, 66, 88, 89

I

Igreja católica 115

L

Literatura 96, 99, 104, 112, 136, 137, 138, 144

M

Maias 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113

Meio ambiente 1, 12

Memória 6, 10, 13, 14, 18, 20, 34, 39, 56, 66, 67, 76, 88, 89, 102, 178, 245, 256

Micro-história 114

P

Política 15, 24, 68, 69, 70, 75, 102, 136, 150, 158, 164, 235, 258

Populismo 145, 154

R

Relações de trabalho 8, 236

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-560-0

